

Os jornalistas portugueses são bem pagos?

Inquérito às condições laborais dos jornalistas em Portugal

Gustavo Cardoso, Joana Azevedo, Miguel Crespo e João Sousa

Inquérito às condições laborais dos jornalistas

Objetivo:

- **analisar** as condições laborais dos jornalistas portugueses
- **conhecer** a diversidade de percursos e perfis jornalísticos
- **identificar** os principais constrangimentos e desafios

Inquérito composto por **78 perguntas**

Respondido por **1496 jornalistas** (validados)

Entre 1 de maio e 13 de junho de **2016**

É o 6º grande estudo sobre os jornalistas e a atividade jornalística em Portugal produzido no âmbito do CIES/ISCTE-IUL, depois das investigações lideradas por José Manuel Paquete de Oliveira, José Luís Garcia e José Rebelo desde 1987.

Inquérito às condições laborais dos jornalistas

O que vamos tentar caracterizar:

- Quem são os jornalistas inquiridos
- Qual a sua realidade profissional
- Em que condições trabalham
- O que afeta o seu desempenho

Jornalistas com carteira profissional ou equiparados em Portugal: **6114**

- (dados CCPJ, 9 de janeiro de 2017)

Quem são os jornalistas em Portugal

Os jornalistas inquiridos:

- têm em **média** quase **40 anos** (em 1987 eram 1 ano mais velhos)
 - **84,3%** entre os 25 e os 54 anos
- concentram-se na maioria em Lisboa
 - 2/3 (63,7%) trabalham na região de Lisboa (em 1987 eram cerca de 80%)
 - metade dos restantes trabalha na região Norte (16,6%)

São muito **equilibrados** em termos de:

- distribuição por sexo (51,8% de homens, contra 48,2% de mulheres)
- terem uma relação conjugal (pouco mais de metade – 52,2%)
- Metade (50,7%) dos jornalistas inquiridos não tem filhos
 - apenas 6,3% tem mais de 2 filhos
 - A média situa-se em nos 1,85 filhos

Quem são os jornalistas em Portugal

2/3 (67%) têm mais de 10 anos de experiência

- 52,1% exerce a profissão há mais de 15 anos
- 33% tem menos de 10 anos de profissão - a maioria (17,9%) exerce há menos de 5 anos, sugerindo que nos últimos 5 anos há mais entrada na carreira do que nos 5 anteriores

Em 1987:

- 16,6% tinham menos de 6 anos de experiência
- Apenas 25,4% tinha 16 ou mais anos de atividade

Em 1990:

- Mais de um 1/3 exercia a profissão há menos de seis anos (35,9%)
- Só 28,9% era jornalista há mais de 15 anos

Que qualificações têm

Quase **80%** dos inquiridos tem licenciatura

- em 1987 apenas 39,8% tinha frequência universitária e só 15,2% era licenciado
- Em 1990 eram já 27,9% os jornalistas com curso superior completo
- Em 1997 eram 43,6% de jornalistas com formação superior
- Em 2006 licenciados tinham subido para 62,8%
- Em 2009 os valores quase não se alteraram (63,1%)

A **média** de licenciados na população **portuguesa** com mais de 15 anos é de **17,1%** (em 2015, INE/Pordata)

Que qualificações têm

66,7% dos licenciados estudou Ciências da Comunicação, Comunicação Social ou Jornalismo (em 1997 eram 45,1%)

9,7% estavam a estudar em 2016

55,3% realizou formação complementar nos últimos 5 anos,

- a maioria por iniciativa própria (40%)

(em 1997 apenas 0,4% frequentava formação na sua área de atividade)

A diversidade de formações e entidades formadoras é elevada

- O Cenjor é a instituição a que os jornalistas mais recorrem (28,1%)

Só 15,3% fez formação proposta pela empresa

Apenas 5,5% realizou formações internas nos últimos 5 anos

Entrada na profissão

Os inquiridos entraram na profissão até aos 25 anos (**79,8%**)

- 69,2% realizaram apenas um estágio
- só 9,5% fez 3 ou mais

58% estagiaram menos de seis meses, mas os estágios foram mal orientados

- Apenas 40,8% foi avaliado através de um parecer final do orientador ou editor
- 46,1% não tiveram apoio ou orientação sistemática
- 40,5% afirmam que as suas peças não eram revistas
- 42,4% nunca acompanharam um profissional em reportagem
- 38,8% excederam o horário previsto de forma regular
- só 50,1% assinaram as suas peças mais importantes

Exercício da profissão

Dos inquiridos em 2016:

- **84,5% tem carteira profissional** de jornalista e 5,2% o título provisório de estagiário
- Mais de 2/3 dos jornalistas trabalham numa redação (68,6%)
- 20,5% trabalham em casa
- 16,5% desenvolve outras atividades remuneradas em paralelo ao jornalismo
 - 33,7% desenvolve atividades de ensino ou formação
 - 25,9% está ligado a comércio ou serviços
 - 13,5% dedica-se a escrita, revisão ou tradução

Exercício da profissão

Mais de metade continua ligado à imprensa:

- **46,5%** indicam **imprensa** como atividade principal
 - (8,7% produzem para a imprensa como atividade secundária)
- O jornalismo **online (site)** ocupa a 2ª posição (23,1%)
 - é a mais expressa como atividade secundária (15,9%), o que indica que **39%** dos profissionais publica em sites
 - outros **10,7%** têm as **redes sociais** ou **aplicações** como atividade profissional
- A **televisão** ocupa ainda mais de um quinto dos jornalistas (**20,3%**)
- **12,4%** dedicam-se à **rádio**
- **8,4%** são os jornalistas de **agência** noticiosa

Exercício da profissão

O **texto** continua a ser o tipo de conteúdo mais produzido (**63,1%**)

- Só **12,4%** está mais dedicado à produção de **vídeo**
- **8,8%** à **fotografia**
- **8,6%** ao **áudio**

O formato de conteúdo mais produzido pelos inquiridos:

- **notícias** (69,9%)
- 53,9% afirma produzir **reportagens**
- 38,7% produz **entrevistas**

A maioria dos inquiridos é redator/repórter (58,9%), mas há grupos importantes de fotojornalistas (7,7%) e repórteres de imagem (6,8%)

É relevante o número de jornalistas que ocupam cargos de **direção** (6,8%), **chefia** (4,2%) ou **edição** (11,3%), num total de **22,3%**

Exercício da profissão

As secções ou especialidades a que os jornalistas mais se dedicam (não de forma exclusiva) são:

- Sociedade (30,5%)
- Desporto (27,8%)
- Arte e Cultura (27,2%)
- Local/Regional (26,4%)
- Política (24,2%)
- Economia (23,2%)

Quase metade (46,5%) produziu mais de 20 trabalhos nos últimos 3 meses

- mas há 21,5% que apenas produziu 3 ou menos peças

Não parece haver uma relação direta forte entre o número de trabalhos produzidos e os rendimentos, exceto entre os jornalistas com menor rendimento

Interrupção da profissão

39,2% já passou pelo **desemprego**

(mas o regresso à atividade não foi tão complicado como seria de esperar)

Dos mais de 500 inquiridos que já estiveram desempregados:

- quase dois terços (63,4%) voltaram a encontrar emprego em menos de 1 ano, e 32% em menos de seis meses

Só 13,3% dos inquiridos afirma ter interrompido a carreira jornalística de forma voluntária para desenvolver outras atividades profissionais.

Estas são muito variadas e dispersas, com as principais áreas a ser:

- Assessoria (16,7%), Comércio ou Serviços (10,9%) e Agências e Gabinetes de Comunicação (10,1%)

Participação e órgãos de regulação

A **participação sindical** dos jornalistas inquiridos é baixa (apenas **25,2%**)

- 56,5% nunca foi sindicalizado
- 18,3% já foi sindicalizado mas deixou de ser
- 22,1% afirma não ter interesse.
- 14,3% não adere ao SJ por razões financeiras

A existência de órgãos de defesa e regulação dos jornalistas e da atividade jornalística dentro das empresas é reduzida

- só há **Comissão de Trabalhadores** em 31,8% dos casos
- só há **Delegado Sindical** em 36,4% dos casos
- Só há **Conselho de Redação** em 49,5% dos casos

Verifica-se que a atividade jornalística é pouco regulada, mesmo dentro das empresas, apesar do enquadramento legal.

Maioria recebe menos de 1000 euros por mês

69% dos inquiridos recebia em 2016 **entre 501 e 1500 euros líquidos** por mês

- 23,3% recebem entre 1001 e 1500 euros
- 23,9% fica no intervalo 701-1000 euros
- 21,8% auferem menos de 700 euros

Se estabelecermos os **1000 euros** como ponto de divisão, verificamos que:

- **57,3% ganham menos**

(apesar do **rendimento mensal médio líquido** dos inquiridos ser de **1113 euros**)

Só **19,4%** dos jornalistas recebe **mais de 1500 euros** mensais

No extremo oposto **11,6%** jornalistas recebem **menos de 500 euros** por mês

- Desses, 7% nem sequer recebe 300 euros

Situação profissional e contratual

Dos jornalistas inquiridos em 2016:

- **87,5%** encontrava-se a **trabalhar**
- **7,9%** em situação de **desemprego**
- 2,2% são reformados
- 2% estão em estágio

33,4% dos inquiridos são profissionais **sem contrato fixo**. Este grupo integra:

- colaboradores (16,4%), dos quais a maioria (8,8%) tinha uma avença e os restantes (7,6%) trabalhava à peça
- 17% de profissionais que se assumem como *freelancers*

2/3 dos jornalistas inquiridos tinham contrato de trabalho:

- **56,3%** a ter contrato **sem termo**
- 10,5% a termo certo

Situação profissional e contratual

Os contratos de trabalho dos jornalistas em 2016 eram maioritariamente:

- de 35 a 40 horas semanais (64,7%)
- 27,7% de inquiridos não sabem a carga horária semanal prevista no seu contrato

Por contraponto aos quase 65% de contratos de trabalho até 40 horas semanais:

- **60,7%** trabalham mais de **40 horas**
- (13,8% tem uma semana laboral de 51 a 60 horas e 9% de mais de 60 horas)
- só 29,6% trabalha um número de horas similar ao previsto no contrato

Apenas 3,9% diz ser remunerado pelas horas extraordinárias

- 10,2% é compensado em tempo de descanso pelo trabalho extra
- **63,4%** não tem qualquer compensação pelo trabalho extraordinário

Carreira e futuro

Mais de **80%** não tem progressão há mais de 4 anos:

- 28,4% não progridem na carreira há mais de uma década
- 29,4% têm a carreira congelada há pelo menos 7 anos
- 22,5% não progridem há 4 a 6 anos

64,2% já pensaram abandonar a carreira. As motivações mais expressas são:

- baixo rendimento (21%)
- degradação da profissão (20,4%)
- precariedade contratual (14,3%)

Carreira e futuro

Os inquiridos estão muito divididos quando à probabilidade de perderem o emprego:

- 35,1% consideram que ficar desempregado é improvável
- 40,9% consideram-no provável
- 15,7% afirmam que o desemprego é extremamente provável a curto prazo

Apesar da maioria dos jornalistas que já passou pela situação de desemprego ter conseguido regressar à profissão em menos de um ano, a perceção dos inquiridos acerca da probabilidade de voltar a encontrar emprego no jornalismo perante uma situação de desemprego em 2016 é muito pessimista.

Em caso de desemprego, apenas 9,5% considera provável voltar a encontrar emprego no jornalismo em menos de 12 meses

- 39,5% consideram extremamente improvável que tal aconteça
- (num total de 80% que acredita ser improvável voltar à profissão)

Autonomia e condicionalismos

Na avaliação da sua autonomia profissional, os inquiridos consideram-se:

- autónomos em relação às **pressões externas**, visto que:
 - apenas 13,2% se diz nada ou pouco autónomo em relação a poderes políticos ou outros
 - 9,5% em relação à pressão das fontes
- Nos **fatores internos**, consideram a sua autonomia muito mais afetada:
 - 31,5% dizem ser pouco ou nada autónomos em relação às decisões das chefias
 - 41% em relação às decisões das administrações
 - poucos se dizem totalmente autónomos em relação às chefias (9,9%) e às administrações (12,3%)

Autonomia e condicionalismos

Os inquiridos consideram o exercício livre da sua profissão muito condicionado

- o maior condicionalismo é a **agenda** (47,2%)
- seguida das **condições** de trabalho (43,6%)
- e do **salário** (43,5%)
- a conciliação com a **vida pessoal e familiar** condiciona 40,2%
- o **medo de perder o emprego** é uma preocupação para 36,6%
- 29,2% consideram-se limitados pela **hierarquia**
- são muito mais otimistas em relação à censura externa (14%) e à autocensura (17%)

Conciliar a vida profissional e pessoal é mais difícil do que fácil:

- **46%** a considera **difícil** gerir o dia-a-dia
- apenas 29,1% considera fácil gerir o quotidiano

Empresas e entidades externas

A atuação de várias entidades em relação ao setor tem uma avaliação negativa por parte dos inquiridos em 2016, com exceção do Sindicato dos Jornalistas.

As **organizações patronais** são as mais criticadas:

- **57,8%** de avaliações negativas
- (19,9% são mesmo extremamente negativas)
- 5,4% dá nota positiva à atuação das empresas

As entidades do Estado (Presidência, Parlamento, Governo) são muito criticadas:

- 54,3% considera a atuação do **Estado** negativo

Outras entidades:

- 51,1% de opiniões negativas em relação à **ERC**
- 43,6% dá avaliação neutra à **CCPJ**
- 43,7% tem uma visão neutra do **Sindicato dos Jornalistas**
 - (31,7%, consideram a sua atuação positiva)

Níveis de satisfação

Os jornalistas mostram-se insatisfeitos com a evolução das **condições de trabalho** no setor, nos últimos 5 anos:

- **77,9%** dizem-se **insatisfeitos**
- (48,8% estão mesmo extremamente insatisfeitos)
- apenas 11% se dizem satisfeitos

A progressão na carreira e os salários são outros dois campos em que há grande insatisfação:

- **65,2%** de insatisfeitos com a **progressão** na carreira
- apenas 19,7% que expressam a sua satisfação
- **63,6%** de insatisfeitos com **salários**
- (33,2% estão mesmo extremamente insatisfeitos)
- há 25,3% de jornalistas satisfeitos

Níveis de satisfação

A **estabilidade laboral** apresenta divisões na satisfação dos jornalistas inquiridos:

- 20,8% diz-se extremamente insatisfeito
- 25,2% relativamente satisfeito

Em termos globais, a insatisfação tem **38,9%**, contra **48,2%** de satisfação.

No caso das **pressões e condicionalismos**, as respostas dos jornalistas revelam-se equilibradas, apesar de ligeira tendência para a insatisfação (42,4% vs. 38,9%).

A **satisfação global** dos jornalistas com a sua profissão é relativamente neutra:

- 43,2% dizem-se satisfeitos
- 34,4% dizem-se insatisfeitos

Mesmo assim, **60,2% voltaria a escolher a profissão de jornalista** se fosse iniciar de novo a sua carreira

Em conclusão (1)

É positivo que:

- há um quase equilíbrio entre homens e mulheres, exceto em cargos diretivos
- o sexo não altere de forma significativa quanto trabalham ou ganham, a sua atuação ou perceção, seja sobre o conciliar a vida profissional e pessoal, ou sobre os condicionalismos ou entraves à autonomia

É negativo que:

- mais de 50% recebam menos de 1000 euros por mês, a maioria trabalha mais de 40 horas por semana, quase 80% são licenciados e mais de metade investiu em formação nos últimos 5 anos. Isto representa grande disparidade entre qualificações, trabalho e retribuição
- Os inquiridos apontem grandes condicionalismos e entraves ao bom exercício da profissão, principalmente de fatores internos aos meios de comunicação em que trabalham

Em conclusão (2)

É negativo que:

- A evolução das condições de trabalho no setor, nos últimos 5 anos, seja muito negativa
- Os estágios sejam mal acompanhados e avaliados
- Abandonem a profissão cedo (apesar de serem experientes)
- A progressão na carreira pareça quase impossível
- 2/3 já pensaram abandonar a carreira, o que indicia uma perceção dos inquiridos sobre a profissão mais negativa do que positiva
- perante o desemprego, 80% acreditar que é improvável voltar à profissão, pelo que a perceção de futuro na profissão é muito pessimista

Muito obrigado, jornalistas



Foto: Alexandre Sabino (Media Lab – ULHT)